



UM MONGE COPISTA DO SÉCULO XXI: INTERCESSÕES ENTRE A CRÔNICA MIEVEAL E A FICÇÃO EM *A FOLHA DE HERA: ROMANCE BILÍNGUE*, DE REINALDO SANTOS NEVES

A 21ST CENTURY COPYIST MONK: INTERCESSIONS BETWEEN MEDIEVAL CHRONICLES AND FICTION IN *A FOLHA DE HERA: ROMANCE BILÍNGUE*, BY REINALDO SANTOS NEVES

Eduardo Costa Madeira¹ (UnB)

Resumo:

O artigo parte da apresentação dos procedimentos literários adotados pelo escritor Reinaldo Santos Neves no romance *A folha de hera: romance bilíngue*, de 2011, cuja pesquisa caudalosa permitiu que simulasse com destreza tanto a sintaxe quanto a mentalidade do prosador medieval, para em seguida estabelecer alguns pontos de contato com o fazer histórico. A primeira intercessão com a prática historiográfica do homem medievo se dá no campo da encenação acadêmica de um manuscrito encontrado, e a segunda na linguagem da trama abonada por fontes de pesquisa do período revisitado, tanto em estilo quanto em ideologia. No que tange à teoria, são basilares autores como Gérard Genette, Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva, além de alguma fortuna crítica sobre o escritor em destaque, bem como considerações teóricas diversas sobre a função das crônicas medievais. Como conclusão, a atitude do copista, aquele que lê e escreve ao mesmo tempo, como procedimento literário contemporâneo capaz de renovar a tradição.

Palavras-chave: Prosa medieval. Romance. Intertexto. Tradição. Copista. Reinaldo Santos Neves.

Abstract:

The article starts from the presentation of the literary procedures adopted by the writer Reinaldo Santos Neves in the novel *A folha de hera: romance bilíngue*, from 2011, whose extensive research allowed him to skillfully simulate both the syntax and the mentality of the medieval prose writer, and then establish some points of contact with history exercise. The first intercession with the historiographical practice of the medieval man occurs in the field of academic staging of some found manuscript, and the second in the language of the plot endorsed by research sources from the revisited period, both in style and in ideology. As far as theory is concerned, basic authors such as Gérard Genette, Mikhail Bakhtin and Julia Kristeva are considered, as well as some critical fortune about the featured writer, and also some theoretical considerations about the role of medieval chronicles. In conclusion, the attitude of the copyist, the one who reads and writes at the same time, as a contemporary literary procedure capable of renewing tradition.

Key words: Medieval prose. Novel. Intertext. Tradition. Copyist. Reinaldo Santos Neves.

¹Doutorando. Universidade de Brasília. E-mail: eduardomadeira.42@gmail.com.

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

Introdução

O romance medieval *A folha de hera: romance bilíngue* (2011), do escritor capixaba Reinaldo Santos Neves, contrapõe eventos históricos, como a Guerra dos Cem Anos e A Peste Negra, a eventos fictícios que contam

a história de Roger de Giac, senhor de Malemort (poderoso vassalo do conde de Níniva), de sua filha, Katherine, e de seus quatro filhos, acompanhando-lhes o itinerário de vida através de virtude ou pecado, amor ou ódio, lealdade ou traição, martírio ou homicídio, até o trágico desfecho que sela o destino de toda a família no ano de 1356 (NEVES, 2011, p. 33).

Os pares destacados nessa sinopse já bem ressaltam os fortes traços da ideologia medieval que se inculcam no texto, como a vassalagem e a teologia católica, bem como a ambivalência, algo epidítica que articula vício e retidão. Isso porque o autor não apenas recupera a sintaxe do prosador medieval, mas também sua mentalidade. Assim, a partir de um elegante edifício de falsas atribuições, a história é tomada como autêntico registro cronístico de um monge contemporâneo aos fatos.

O bilinguismo adotado no título determina não apenas o seu formato, que apresenta a história simultaneamente contada em inglês médio e português contemporâneo (Figura 1), mas diz respeito ao seu próprio processo criativo. Isso porque o autor transpõe um romance anterior, *A crônica de Malemort* (1978), que traz o mesmo núcleo narrativo, para o inglês médio. Nesse processo, a história cresceu muito de tamanho, ganhou mais personagens, incorporou descrições mais detalhadas de receitas de pratos, vestuário, costumes e coisas que tais do período retratado. Ao verter essa já nova obra, que chamou naquele momento de *An Ivy Leaf*, de volta para o português, R. S. Neves criou uma estrutura de paratextos fictícios (isto é, prefácios, notas e até uma folha de rosto atribuídos a personagens) para justificar literariamente o processo, dando origem, portanto, a esse romance bilíngue.

Figura 1 – Captura de tela de uma página aberta da obra em sua versão virtual, evidenciando-se sua estrutura bilingue

[Chapter 8]

[leaf 36] and this is head of all the seven deadly sins, for it is the sin that God hates most of all, because the body and soul of man, which ought to be God's home, is made the Devil's home by virtue of this very sin. So, when the siege before Dysconvorte was raised and Roger Besedeable² returned back to Malmort, the first thing he did he sent his friar for Margerie Fellelaine, who as then was the woman he liked best to go to bed with. Now it had fallen that Margery had died while Sir Roger was away, so the friar sent for her cousin instead, who was called Symone Flowry, who was a young woman fresh and jolly, neither too fat nor too lean, and far more inclined to bodily delights than a strumpet in her brothel. The friar, he seeing her well ready and glad enough to come to her master, he began to smile and said, By the tooth of God, my child, taken out my lady the queen of Fraunce you are peerless: we may serve our good master of no better meat. So he led her by the hand to Sir Roger's chamber, and when they got there the door was ready open for her to enter. Step in, my dear, step in, said the friar, and may Saint Marie Mawdeleyn

¹ The first thirty five leaves of the MS. are missing, comprising Book 1 and Chapters 1 through 7 of Book Two, as well as part of Chapter 8.
² This is Roger de Giac, Lord of Malmort, whom the chronicler often refers to by his cognomen Besedeable, meaning, he who kisses the Devil, or, the Devil's liegeman.

[Capítulo 8]

[folha 36] e é esse o maior de todos os sete pecados maiores, pois é o pecado que Deus odeia acima de todos, porque o corpo e alma do homem, que deve ser morada de Deus, torna-se morada do Diabo em virtude desse mesmo pecado. Assim, quando se levantou o cerco de Dysconvorte e Roger Besedeable² retornou de volta a Malemort, a primeira coisa que fez mandou seu frade chamar Margery Felelaine, que era então a mulher que ele melhor preferia pôr consigo na cama. Ora, acontece que Margery tinha morrido enquanto ele estava fora, por isso o frade mandou vir em lugar dela a prima, que se chamava Symone Flowry, que era moça alegre e viçosa, nem muito gorda nem magra demais, e bem mais inclinada aos prazeres do corpo que prostituta de bordel. O frade, vendo-a toda pronta e já feliz de vir à presença do senhor, começou a sorrir e disse, Pelos dentes de Deus, minha filha, tirando minha senhora a rainha da França tu não tens par: não sei de melhor alimento para servir a nosso bom senhor. Ai tomou-lhe a mão e levou-a aos aposentos de Sir Roger, e quando lá chegaram a porta já estava toda aberta para ela entrar. Entra, querida, entra, disse

¹ Faltam as primeiras trinta e cinco folhas do MS., compreendendo o Livro 1 e os Capítulos de 1 a 7 do Livro 2, assim como parte do Capítulo 8.
² Trata-se de Roger de Giac, senhor de Malemort, a quem o cronista se refere muitas vezes pelo cognome Besedeable, que significa aquele que beija o Diabo, ou seja, vassalo do Diabo.

Fonte: NEVES, 2011, p. 48-49

No artigo “Notas sobre uma folha de hera: a *Crônica de Malemort* em inglês”, publicado em 1999, o autor afirma que, à época do primeiro romance, seu objetivo era recuperar a linguagem das narrativas medievais portuguesas e, para tanto, submeteu-se à leitura de obras em português do século XIV e XV, como a *Demanda do Santo Graal* e *Booscodelyতো*, em um campo mais literário, e *Virgeu de consolaçone* as crônicas de Fernão Lopes, em um campo mais histórico, a fim de depurar sua linguagem. Esclarece também que "estava preocupado ainda com aquilo que me habituei a chamar de ‘mentalidade narrativa’ do prosador medieval" (NEVES, 1999, p. 108). Assim, à maneira de Thomas Mann no romance *O eleito*, criou um personagem-narrador homodiegético, contemporâneo aos fatos, que chamou de Thomas Lemeschin (ou Thomas Lelillois), um monge beneditino da Ordem de Cister. "Como homem do medievo, cabia-lhe contar a história como a contaria um homem de sua época. Daí a minha tentativa de assimilar e reproduzir a ‘mentalidade narrativa’ implícita nos textos daquele tempo" (NEVES, 1999, p. 108). O resultado é uma colagem intertextual de vários trechos das fontes abonadas na pesquisa, mas com enredo próprio. Um texto que simula o despojamento, a ingenuidade e o jeito canhestro como se escrevia prosa naquele período. No campo ideológico, uma "oratória envolvente e comprometida com a defesa intransigente de uma ideologia que se funda na fidelidade do vassalo ao seu senhor, na honra e no monoteísmo espiritualista" (VAZZOLER e SANT'ANNA, 2001, p. 23). No campo sintático, a pesquisa revela a escolha de modos verbais peculiares, como em "Deus não quererá que serei senhor de Malemort" (NEVES, 1978, p. 12), pelas duplas negativas, como em "mas nenhum rogo não te pode tanto valer" (idem, p. 40), pelo emprego estranho da preposição, como em "tinha muita semelhança de seu pai" (idem, p. 10), ou do verbo no

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

futuro, como em “darei-vos aqueles dois outros” (idem, p. 127), entre outras. No campo léxico, abundam vocábulos neológicos, como "amigança", "demorança", "cansamento", ou pouco utilizados no português contemporâneo, como "humildar", "endurentar", para ficar em alguns poucos exemplos.

O que sucede é que o autor iniciou um projeto de transposição do romance para o inglês, a partir da década de 1990. O procedimento foi o mesmo, sendo que dos textos-fonte em inglês, destacam-se as *Crônicas de Froissart*, traduzidas do francês por LordBerners.

A técnica de trabalho desta versão em inglês – cujo título provisório é *An Ivy Leaf: The Alfield Manuscript* – segue os mesmos moldes da técnica original adotada para a composição do romance em português. Todo o trabalho de escritura se baseia na pesquisa das fontes, envolvendo, agora, textos de inglês médio (Middle English), preferencialmente em prosa e sobretudo dos séculos XIV e XV [...]. Em primeiro lugar, nem uma só palavra ou construção sintática se incorpora ao texto a não ser depois de abonada em fonte de pesquisa. Em segundo lugar, nem todas as palavras e construções sintáticas então de uso corrente se qualificam para uso no romance, mas tão somente aquelas passíveis de assimilação por parte do leitor médio de hoje (NEVES, 1999, p. 108)

Se *A crônica de Malemort* tem 183 páginas, *A folha de hera* tem mais de mil. Esse aumento se deu através do estudo mais aprofundado de personagens originais e da incorporação de novos, um tratamento mais detalhado de determinadas cenas, a inclusão de novos episódios etc., além de anedotas e contos narrados pelos personagens, e até algumas receitas de pratos da época. Depois, o autor retraduziu o texto ampliado para o português, mas desta vez contemporâneo. Para justificar literariamente o processo, concebeu então todo esse aparato acadêmico fictício em torno da crônica medieval, que dá conta da saga de sobrevivência do manuscrito medieval até sua publicação bilíngue no Brasil do século XXI.

O romance *A folha de hera: romance bilíngue* (2010) é uma obra ímpar por uma série de motivos. Primeiro, como já indica o subtítulo, por ser um *romance bilíngue*, isto é, ela foi *escrita* em duas línguas [...] não sendo exatamente uma *versão* do romance de 1978, mas “outro livro: mais maduro, mais complexo, mais ambicioso e bem mais extenso” (NEVES, 2010, p. 21) [...] Para unir as três obras num projeto ficcional que as extrapolasse, foi criado um grupo de paratextos que trabalham a partir da tradição do manuscrito reencontrado (MARTINELLI FILHO, 2012, p. 59-60)

Sinteticamente, são quatro paratextos ficcionais correndo “por fora” da crônica medieval escrita pelo monge Thomas Lellilois. Logo em seguida à folha de rosto ficcional, onde se lê “O manuscrito Alfield” como título, aparece o primeiro falso prefácio, denominado “Nota prefacial do secretário da Sociedade Trentoniana de Amigos da Idade Média” (NEVES, 2011, p. 21-29) e assinado por Alan Dorsey Stevenson (anagrama de Reynaldo Santos Neves). O texto explica o processo de escrita até a publicação do trabalho, que é a pretensa edição crítica de um códice quinhentista chamado *Manuscrito Alfield* feita pela professora Kathryn L. Thornham, falecida antes de concluí-la.



A esse texto se segue a “Introdução da responsável pela edição crítica” (idem, p. 31-45), em que a professora comenta em detalhes seu processo de pesquisa que envolveu a tradução da crônica francesa *La VrayeCronique de Malemort*, escrita durante a década de 1370 por um monge cisterciense chamado Thomas Lelillois, cujos originais se perderam, restando apenas a tradução para o inglês médio, concluída em 1483 por um certo Bennet Hatch. O original da tradução também teria desaparecido, sobrando à professora Thornham somente uma cópia feita em 1516, encomendada por um certo Thomas Alfield. Ao fim, esse texto introdutório é assinado por “Kathryn LyellThornham, Ph. D. / Universidade de Santo Agostinho / Houston, Tx” (idem, p. 45). Após o texto literário *per se*, que traz, no primeiro volume da obra, os livros dois, três e quatro da crônica medieval em questão, há um novo paratexto ficcional: “Pilhagem de palavras: posfácio do autor” (idem, p. 455-465), mais uma vez assinado por Alan Dorsey Stevenson, agora identificado como “funcionário aposentado dos Correios da Cidade de Nova York e, por que não dizê-lo de uma vez, autor desta porcaria” (idem, p. 455). Como numa típica nota autoral, Stevenson discorre sobre o processo de criação do seu livro de ficção, sobre as fontes consultadas e suas influências literárias, bem como a trajetória de seus originais, recusados por agentes literários e editores norte-americanos, até chegarem às mãos do escritor brasileiro “R. S. Neves” por meio de uma amiga em comum, Lillian De Paula, a fim de traduzi-lo e publicá-lo em versão bilíngue no Brasil, pois Neves possui “faro aguçado para subestimadas obras-primas” (idem, p. 465). Para fechar a conta deste monumental engenho literário, há a “Breve nota do tradutor” (idem, p. 467-471), assinada por Reynaldo Santos Neves, com y mesmo, que explica o motivo de não traduzir simulando o português arcaico, como fizera o autor suposto Stevenson com o inglês médio (e também o próprio Reinaldo com *A crônica de Malemortem* 1978).

Nelson Martinelli Filho (2012) organiza sucintamente em um parágrafo de sua dissertação sobre a obra de Reinaldo Santos Neves o que é essa intrincada estrutura de *A folha de hera*:

Colocando os pontos no lugar, temos a seguinte estrutura: Reinaldo Santos Neves é autor de *A crônica de Malemorte A folha de hera*, que contém uma versão em inglês e outra em português; Alan Dorsey Stevenson, anagrama de Reynaldo Santos Neves, é o autor suposto do romance *O manuscrito Alfield*, que simula ser uma crônica medieval francesa, além de ser também personagem (o secretário da Sociedade que publica os manuscritos ficcionais reencontrados), atuando, no subnível ficcional, como organizador da publicação da crônica; Reynaldo Santos Neves, autor brasileiro, é o tradutor fictício do romance de Stevenson que publica tanto a edição original em inglês como sua tradução para o português em conjunto (MARTINELLI FILHO, 2012, p. 61)

Levando-se em conta, então, tanto o rigor de pesquisa quanto a inventividade investida no projeto pelo escritor R. S. Neves, esse artigo pretende traçar algumas intercessões entre História e Literatura que podem ser encontradas na obra. Primeiro a encenação literária do método heurístico praticado na História, depois a própria heurística dos trechos reais de fontes medievais incorporados na narrativa e dos aspectos psicológicos da prosa medieval, bem como o modo como o autor atualiza também a noção de copista, em um sentido mais literário.



Primeira intercessão: a tradição do manuscrito encontrado

São basicamente duas, portanto, as principais intercessões entre História e Literatura no romance de Reinaldo Santos Neves que quero destacar. A primeira diz respeito à encenação do procedimento histórico do manuscrito encontrado, que se dá no nível paratextual.

O “paratexto”, segundo Gérard Genette (2010), é o lugar conferido aos títulos, epígrafes, prefácios e outros elementos que se encontram no limiar do texto e atuam como uma espécie de guia, atuando como “um dos espaços privilegiados da dimensão pragmática da obra, isto é, da sua ação sobre o leitor (GENETTE, 2010, p. 16). No entanto, ele “pode ser tão ficcional quanto a ficção que ele pretende orientar” (FILGUEIRAS, 2005, p. 221). A pesquisadora Lillian DePaula, que foi justamente a primeira a considerar as implicações teóricas de uma “paratextualidade fictícia” na obra de R. S. Neves, afirma que o autor capixaba “faz uso dos diferentes elementos da transtextualidade para explorar os limites do texto” (idem). Em uma analogia com o universo borgiano, Filgueiras analisa assim:

A trilogia medieval de R. S. Neves, que inclui *A crônica de Malemort*, por ele próprio traduzido para o inglês como *An Ivy Leaf: The Alfield Manuscript*, e, mais recentemente, retraduzido para o português com o título de *A folha de hera*, resulta numa coleção de textos que intriga o leitor pelos recursos literários utilizados, em especial a técnica do manuscrito reencontrado e o uso, nos últimos dois livros da trilogia, do *paratexto fictício*, levando o leitor – como bem o fez a obra do argentino Borges – a questionar o que é fato, o que é invenção, *qual a relação entre História e Ficção* (FILGUEIRAS, 2005, p. 215-216; grifos meus)

No primeiro prefácio fictício que antecipa a trama, uma sociedade norte-americana dedicada à cultura medieval introduz a publicação de um documento histórico inédito, a tal crônica medieval francesa, comentada pela medievalista Kathryn Thornham:

No início do ano esta Sociedade recebeu, da parte de um generoso benfeitor que prefere permanecer no anonimato, um vultoso cheque expressamente destinado a atender às despesas de publicação dos papéis da falecida Prof^a. Kathryn Lyell Thornham (1916-52). Titulada com o grau de Ph. D. pela Universidade Jesuítica de Nova York, NY (1942), a Dr^a. Thornham foi professora assistente (1943-45) e depois adjunta (1946-48) de História Medieval nessa instituição, tendo mais tarde ocupado um cargo de magistério na Universidade de Santo Agostinho, Houston, Tx (1950-52) [...] esses papéis são o produto integral do trabalho que a Dr^a. Thornham vinha desenvolvendo no sentido de preparar a edição crítica do códice quinhentista conhecido como Manuscrito Alfield, trabalho que lamentavelmente não pôde concluir devido à sua morte prematura aos 36 anos (NEVES, 2011, p. 21)

Depois dessa introdução, e antes ainda da narrativa medieval, o autor atribui um comentário a essa professora. Nesse novo prefácio fictício, ela conta a história de como o manuscrito chegou até sua universidade, e fornece alguns comentários técnicos a respeito de sua importância:

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

essa crônica perdida também apresenta uma singularidade própria, pois trata-se do único documento histórico de que têm conhecimento os especialistas que traz detalhadas informações sobre a guerra civil ocorrida em 1356 no condado de Níniva desde as suas mais remotas origens até o seu desfecho. Se a cópia que chamamos de Manuscrito Alfield não tivesse sido feita e preservada, todas essas informações (além de muitas outras) se teriam perdido irreversivelmente para o historiador interessado no cenário social, político e militar do século XIV em países como França, Inglaterra e, mais particularmente, os Países Baixos (NEVES, 2011, p. 31)

Nesse prefácio há muitos signos de verossimilhança retórica, tanto nesse salientar da importância da trama como episódio histórico, quanto nas especificações históricas e geográficas do fictício condado de Níniva e nas especulações sobre a vida do seu autor. O “códice quinhentista FfC1516Ms136, mais conhecido como Manuscrito Alfield” (NEVES, 2011, p. 31) ganha até descrição técnica apurada nas mãos da professora:

A cópia manuscrita em meu poder, em que se preservou o texto de Hatch, foi feita em 1516. Suas especificações são as seguintes: papel acetinado de alta qualidade; 320 mm x 220 mm; 166 folhas, escritas *recto e verso* em aproximadamente 32 linhas; uma só mão (exceto quatro linhas em latim ao final do manuscrito), caligrafia Bastarda Secretária, minúscula, bastante regular; tinta preta, bem preservada; sem iluminuras; ambas as capas se perderam (NEVES, 2011, p. 41)

Toda essa verossimilhança retórica acompanhará ainda a leitura do manuscrito, através de notas de rodapé atribuídas a essa professora. Essas bordas institucionais inventadas pelo autor contribuem ainda mais para lançar o leitor na atmosfera do período revisitado, funcionando como uma espécie de túnel de transição para uma trama que já carrega, em si, convincentes traços de verossimilhança dramática.

Segunda intercessão: viagem intertextual e atualização do espírito de um tempo

Em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, Mikhail Bakhtin analisa o contexto da obra de François Rabelais a partir da cultura popular, uma vez que o autor francês foi “o *mais democrático* dos mestres modernos” (BAKHTIN, 2013a, p. 2), carregando consigo a qualidade de “estar ligado mais profunda e estreitamente que os outros às fontes *populares*” (idem).

Um dos problemas de pesquisa de Bakhtin é a constatação de que à cultura cômica popular da Idade Média, amplamente incorporada por Rabelais em sua obra, é conferida, historicamente, uma concepção estreita, que “exclui quase totalmente a cultura específica da praça pública e também o humor popular em toda a riqueza das suas manifestações” (idem, p. 3).

Contudo, “sua amplitude e importância na Idade Média e no Renascimento eram consideráveis” (idem). Isso porque ela revertia o ascetismo oficial da ideologia feudal, sem, contudo, opor-se a ela. Tal ambivalência era possível através da lógica do avesso contida no carnaval, nos

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

festejos populares. Essa dualidade foi o que permitiu o surgimento de uma comunicação particular da praça pública, extraoficial, que comparecem em peso na linguagem de Rabelais. O romance de R. S. Neves, pelo profundo mergulho intertextual a que se lança no período medieval, por certo incorpora muito do vocabulário de praça pública do período revisitado, em especial as grosserias, que Bakhtin considera um gênero à parte. Interessa a esse, sobretudo, o caráter ambivalente que deriva dessa estética carnavalesca. Em Reinaldo, essa cultura popular coexiste justamente com a cultura oficial expressa pelo sacerdote cronista que escreve sob encomenda da realeza de seu condado.

O trecho que destaco a seguir é um dos muitos em que o monge narrador de Reinaldo vitupera os vícios de seus contemporâneos:

sempre que o corpo exigisse, saía por aqueles ermos à sua cata e, achando-a, *enchz* 7 com ela até se aliviar, saciando assim o apetite da carne. Portanto, como bem podeis perceber, todos esses jovens viviam vida ímpia, perversa e desregrada, e confirmavam, portanto, o pensamento do moralíssimo Sêneca, segundo o qual o homem não tem coisa mais vil do que si mesmo (NEVES, 2011, p. 57)

O termo *enchz*, destacado no texto, é comentado em nota de rodapé pela professora que faz o estudo sobre o manuscrito. Ela explica tratar-se de “Um pudico criptograma de *suuiuyt[fodia]*, passado do verbo *swiven*, isto é, ter relação sexual.” (idem, p.57).

Bakhtin comenta como as diversas formas de obscenidades populares converteram-se em “um reservatório onde se acumularam as expressões verbais proibidas e eliminadas da comunicação oficial” (BAKHTIN, 2013a, p. 15). O recurso do criptograma resgatado pelo escritor capixaba certamente é uma expressão de tal ambivalência, uma vez que tais vocábulos ganhavam enlevo nos festejos populares, mas não poderiam comparecer em um “documento oficial” como o redigido por seu personagem clerical.

Com estética carnavalesca, Bakhtin quer tratar justamente do aspecto de inversão que caracterizam os festejos de carnaval na Idade Média, quando os papéis eram invertidos e uma outra cultura, subalterna, se elevava em detrimento da cultura oficial. Considerando-se que não há uma intenção literária na crônica medieval, e que Reinaldo simula muito bem as intenções ideológicas de seu autor-personagem, manifesta-se tal ambivalência em trechos como esse, em que o vocabulário de praça pública, que não poderia escapar ao naturalismo do gênero cronístico através de signos do vocabulário popular, coexiste com a cultura oficial do sacerdote que procura censurá-la sem descartá-la, através do *disfarce* verbal do criptograma.

Assim entramos no terreno da segunda intercessão, que diz respeito ao texto narrativo propriamente dito, cuja trama se faz colagem intertextual de várias fontes medievais para conferir essa experiência anacrônica ao leitor contemporâneo. Ao fim do primeiro volume de *A folha de hera*, R. S. Neves é gentil o bastante para expor suas “fontes de consulta” (NEVES, 2011, p. 475), esclarecendo, por exemplo, que:

A principal fonte usada na elaboração do texto inglês deste romance bilíngüe foi a tradução inglesa das crônicas de Froissart publicada em 1523-25 (*The Chronicle of Froissart*, traduzida do francês por Sir John Bouchier, Lord Berners, com



I SIELLI

Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina
Universidade
Estadual de Goiás

introdução de William Paton Ker, 6 volumes, Nova York: AMS Press, 1967). Outras fontes impressas foram *Paston Letters*, documentos familiares do século XV (seleção e edição de John Warrington, Londres/Nova York: Dent/Dutton, 1966); *Medieval English Lyrics: A Critical Anthology*, de R. T. Davies (Londres: Faber & Faber, 1968); *Polychronicon Ranulphi Higden Monachi Cestrensis*, acompanhada das traduções inglesas de John Trevisa e de um escritor anônimo do século XV, de que só consultei o primeiro volume, gentilmente cedido por empréstimo pelos bibliotecários da Universidade Estadual de Nova York em Binghamton; e *A Middle English Dictionary* contendo palavras usadas por escritores ingleses do século XII ao século XV, de F. H. Stratmann (Oxford University Press, 1994) (NEVES, 2011, p. 475)

Nesse apêndice, então, o autor abre sua biblioteca de pesquisa e discorre ainda sobre as muitas fontes disponíveis também na internet, bem como as fontes portuguesas que antes também fizeram parte do romance original, além da referência a alguns trabalhos acadêmicos. A bibliografia em quatro páginas de texto corrido revela o tamanho da fleuma algo mesmo “monástica” de um projeto que, se considerarmos o intervalo de tempo entre a publicação do romance original, em 1978, e a publicação do terceiro e último volume de *A folha de hera: romance bilingue*, que se daria em 2016, levou quase quarenta anos, entre idas e vindas, para ser construído.

A figura seguir (Figura 2) mostra um exemplo de cotejo (com trechos “extraviados” destacados em itálico) elaborado pelo próprio autor, em artigo sobre o processo criativo do projeto, entre a sua obra, à época em construção, e a tradução das monumentais *Crônicas de Froissart*, documento histórico que também aborda a Guerra dos Cem Anos, publicada pelo inglês Lord Berners no século XVI e fonte principal do romance:



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

Figura 2 – Cotejo sintático e semântico entre a fonte histórica de Froissart e a produção literária de R. S. Neves

FROISSART	ALFIELD
<p>And as it was enfourmed me, as he rode forwarde in the forest of Mans, a great sygnifycacyon fell to hym, by the whiche if he had doone well, he shulde have called his counsayle aboute hym, and well advysed hymselfe or he had gone any further. <i>Sodaynly there came to the kynge a poore man, bare heeded, bare legged, and bare footed, and on his body a poore whyte cote: he semed rather to be a foole than wyse, and boldely sodaynly he toke the brydell of the kynges horse in his handes, and stopped the horse, and sayd: Syr kyng, ryde no further forward for thou arte betrayed. Those wordes entred</i></p>	<p>The weather was fair and temperate, but they were hot from the journey and so thought to rest a little by the river to refresh themselves and their horses. And as Sir Roger rode toward the river, <i>suddenly there came to him that wild foolish woman of the forest, bareheaded, barelegged, and barefooted, and on her body a poor old blue gown: and boldly suddenly she took the bridle of Sir Roger's horse in her hands, and stopped the horse, and said: "Sir, sir, ride no further forward for you are betrayed!"</i> Roger Besedeable heard those words and knew not well what to say or do. Then she showed him something in her hand: he saw how it was a black arrow, and that it was broken. <i>Then certain his servants</i></p>

Fonte: NEVES, 1999, p. 113

Como vimos, a incorporação de fontes medievais no romance vai além do campo sintático e semântico, pois a narração consegue traduzir também a ideologia de um tempo. E isso não apenas pode ser verificado nos traços da personalidade teológica do monge autor, mas também em todos os personagens que compõem a trama.

Quando fala de *polifonia*, a partir da obra de Dostoiévski, Bakhtin quer destacar a independência das várias vozes dos personagens, não apenas entre si, mas em relação a qualquer princípio totalizante que se possa chamar de *autor*. Dostoiévski não seria uma voz unívoca, mas uma partitura que faz ressoar múltiplas melodias entrecruzadas. Assim, o personagem tem voz independente, “como se soasse ao lado da palavra do autor” (BAKHTIN, 2013b, p. 5).

De maneira análoga, o Thomas Lelillois de Reinaldo manifesta livremente sua ideologia e sua condição de testemunha corporal dos fatos, condenando os vícios morais verificados nos muitos episódios que conduzem a saga narrada à tragédia, ao mesmo tempo que elege a todo tempo as virtudes do mártir Roger Amidieu:

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

Tudo isto que aqui está escrito está escrito sem mentira, pois eu estava lá nessa ocasião e vi com meus olhos e ouvi com meus ouvidos, e agora escrevo tudo isto de meu próprio punho, porque vejo tudo e ouço tudo de novo em minha memória, e embora vinte e cinco anos se tenham passado e eu tenha visto outras maravilhas e coisas espantosas, a pena me treme e tremula na mão e a tinta mancha-me a página e as lágrimas me enchem os olhos com amor e dó daquele jovem tão formoso que correu a ser martirizado em lugar do pai. Roger Amidieu! Dele bem podemos dizer as palavras que Santo Agostinho disse de Jesus Cristo: Ó doce criatura, que fizeste para seres assim pregado à cruz, qual foi a causa e a ocasião de tua pena? Que fizeste para seres tão maltratado assim, qual foi teu erro ou tua maldade? E estas mais adiante: Pecou o mau, padece o justo, o pecado que fez o mau, paga-o o justo (NEVES, 2011, p. 235)

O trecho em destaque bem ilustra a força do simulacro na obra, que incorpora vários signos retóricos para conferir verossimilhança ao suposto narrativo e, para além do aspecto linguístico puro, confere poder de consciência ao personagem que, como sugerido por Bakhtin para o romance polifônico, fala a despeito do autor. Autor que, inclusive, no jogo das falsas atribuições que comentamos, é tido como mero tradutor para o português de um romance medievalista norte-americano.

Outro aspecto de ambivalência destacado por Bakhtin é o "rebaixamento topográfico literal" (BAKHTIN, 2013a, p. 127-128). O baixo corporal, os excrementos, morte e destruição, tudo isso está próximo do chão que enterra os corpos. Mas é ao mesmo tempo a região dos órgãos genitais que fecundam e dão a luz, que dão a vida. A atitude carnavalesca da Idade Média concentra tal dualidade sem opor seus pares.

Bakhtin funda uma categoria estética para definir Rabelais baseada na cultura do avesso, no movimento de fazer descer o sublime e de sublimar o que é baixo, que chama de "realismo grotesco". Trata-se de uma atitude de deformação positiva, em que "rebaixamento é enfim o princípio artístico essencial" (BAKHTIN, 2013a, p. 325). Comentando um famoso capítulo de Rabelais, o filósofo russo anota que a ofensa de mostrar o traseiro, que sobrevive na cultura popular, é também expressão dessa atitude.

Há no romance de Reinaldo uma passagem marcante que recupera tal ofensa tradicional, que é justamente o trecho do encontro com a "mulher selvagem" destacado na figura acima, em que comparecem trechos-fonte das Crônicas de Froissart. No lado em português da versão final, está assim:

E no que Sir Roger ia indo para o rio, bruscamente lá lhe veio a mulher selvagem da floresta, nua a cabeça, nuas as pernas, e nus os pés, e sobre o corpo um velho e puído vestido azul de pano de saco: e audazmente bruscamente tomou o freio do cavalo de Sir Roger nas mãos e deteve o cavalo e disse, Giac, senhor, não vás mais daqui em diante porque por tua própria sombra foste atraído! Giac ouviu essas palavras e não soube bem o que supor. Então ela mostrou-lhe na mão a haste de uma flecha sem a ponta: e ele viu que era uma flecha negra. Ele maravilhou-se do que significava aquilo, e mais não lhe disse ela, pois não pôde, pois o frade fez um sinal com os



I SIELLI

Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês

Campus
Cora Coralina



Universidade
Estadual de Goiás

dedos e certos seus servidores deram sobre ela e tão lhe bateram que ela largou mão do cavalo; mas ficou cheia de ira e de raiva de ser maltratada de outro modo do que devia ser, e aí exclamou e disse, *O Diabo vos ponha a todos numa forca! O Diabo vos ponha a todos numa forca para secar!* Os homens começaram a picá-la com as lanças e a acozá-la tanto para lá e para cá, e *houve muito rir e troçar da pobre criatura*. Para escapar-lhes remessou-se à água e passou a vau até a outra borda. Então, quando pisou fora do rio, ergueu [folha 230] o vestido e *mostrou-lhes o traseiro nu*; então esvaneceu embora entre as moitas e sebes. *Bastante Sir Roger riu da aventura daquela mulher*; quanto às *palavras* dela, *não lhes fez mais caso que da fala de uma louca, o que foi loucura, como muitos disseram daí em depois*. Pois pelo menos *devia ter melhor examinado a mulher e descoberto de donde vinha, e o que tinha visto ou ouvido, e o que quis dizer com suas palavras e a flecha quebrada na mão*. Mas não o fez, mas deixou seus homens enxotarem-na dali: e ela correu floresta adentro e já não foi vista mais (NEVES, 2016, p. 131; grifos nossos)

Assim, o gesto de rebaixamento é o que substitui o alerta que se faria verdadeiro, uma vez que ela foi condenada ao riso, mas no fim tinha razão, e traduz também a injúria contra seus detratores. É simbólico que ao final da história a mulher seja morta praticando o mesmo gesto contra o exército do conde de Níniva, em atitude rebelde e algo heróica, conferindo-lhe uma espécie de martirização marcada pelo rebaixamento, sintoma da ambivalência destacada por Bakhtin, que positiva também a morte. Cabe lembrar, como vimos acima, que Reinaldo criou a personagem e o episódio em referência a um trecho das *Crônicas Froissart*, uma fonte medieval autêntica.

Tudo isso pode ser encontrado, naturalmente, em vários pontos do texto. Mas creio ser possível se criar uma ideia geral a partir dos exemplos levantados. Em suma, tanto os aspectos linguísticos quanto os literários dependem de uma vontade de método que encontra intercessões na História. O escritor Reinaldo Santos Neves é também um pesquisador inveterado, apenas ajusta seu foco para a Literatura. *A folha de hera*, bem define Lillian DePaula, é "Um trabalho de ficção com o rigor de um trabalho acadêmico" (FILGUEIRAS, 2005, p. 222).

Considerações finais: um monge copista do século XXI

Levando-se em conta a profundidade do exercício de simulacro de Reinaldo em relação à crônica medieval, cabe concluir com algumas considerações sobre a potência literária encarnada na figura daquele que as escreve: o monge copista.

As crônicas medievais são peças fundamentais do fazer histórico dos séculos XIV e XV, encomendadas e financiadas por realezas diversas para enaltecer seus feitos. Sua composição consistia em "escolher a fonte principal e acrescentar-lhe breves passagens de outras fontes, ou, ao contrário, combinar em partes iguais vários relatos anteriores" (GUENEÉ, 2002, p. 537). Para os cronistas medievais, portanto, narrar significa reescrever (GUREVITCH, 1991, p. 19).

É claro que na Idade Média não havia o conceito de originalidade fundado no Romantismo, e a função da cópia era manter o registro daqueles textos. Mas se considerarmos o espaço privilegiado



de alguém que lê e escreve ao mesmo tempo, um “leitor-autor” (ESTEVES, 1994, p. 24), há semelhanças com o escritor de Literatura que se assume intertextual.

Julia Kristeva nos dá o conceito mais pioneiro de intertextualidade, e anota que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Por isso mesmo, Antoine Compagnon chama a atenção para o fato de que “escrever, pois, é sempre rescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação” (COMPAGNON, 1996, p. 31).

Em *A folha de hera: romance bilingue* (2011), o escritor Reinaldo Santos Neves reconstitui com rigor, no século XXI, a sintaxe medieval ao apresentar, como se fosse a tradução de um manuscrito perdido, uma crônica francesa sobre uma fictícia guerra civil ocorrida em um certo Condado de Níniva, que se contrapõe a eventos históricos como a Guerra dos Cem Anos e a Peste Negra. O empreendimento dependeu de pesquisa com várias fontes, entre as quais as crônicas de Fernão Lopes e as de Froissart, e o resultado é uma colagem intertextual que reforça uma postura intertextual em relação à Literatura.

Os apontamentos futuros, aqui, vão no sentido de culminar em uma superação romântica de originalidade, e privilegiar a invenção (isto é, produzir a partir de elementos dados) em detrimento da criação (conceber a partir do nada). Em Reinaldo Santos Neves, vemos um escritor comprometido com a possibilidade, via Literatura, de pagar tributo, mas também renovar a tradição. A Literatura deixa de ser vista como expressão de uma “verdade interior” para se tornar artesanaria, que encontra larga fortuna material nas muitas línguas e linguagens de toda a nossa rica tradição. É como diz o personagem de Italo Calvino, em *Se um viajante numa noite de inverno*:

Por um instante, pensei compreender qual deve ser o sentido e o encanto de uma vocação até agora inconcebível para mim: a de copista. O copista vivia simultaneamente em duas dimensões temporais, a da leitura e a da escrita; podia escrever sem a angústia do vazio que se abre diante da pena; ler sem a angústia de que seu próprio ato não se concretize em algum objeto material (CALVINO, 1999, p. 182)

No caso específico do autor capixaba, em considerando toda essa dimensão da atitude intertextual para a Literatura e a analogia do copista, acredito não existirem melhores palavras para concluir senão a definição elegante do crítico francês Gilbert Chaudanne:

Reinaldo Santos Neves é um monge medieval que sai pouco do seu scriptorium. Ele reescreve sem se cansar o eterno mesmo livro que é sempre diferente. É a marca registrada de quem sabe o que é literatura: como as moças proustianas, um ser de fuga e, como Proteu, um ser que muda de ser. Para o leitor que sabe ler entre as linhas, os livros de Reinaldo se desdobram, se multiplicam, abrindo-se sobre a biblioteca absoluta: o mundo (CHAUDANNE, 2014, p. 1)

ANAIS



Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhaillovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013a.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhaillovitch. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAUDANNE, Gilbert. Canivete suíço. **A Gazeta**. Vitória, 10 mai. 2014, Caderno Pensar, p. 1.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ESTEVES, Elisa Nunes. **A Crónica Geral de Espanha de 1344**. Tese de doutorado. [S.l.]: Estudo Estético-Literário, da Universidade de Évora, 1994.

FILGUEIRAS, Lillian DePaula. A tradição da tradução como critério de inventividade. **Contexto**, ano 13, n. 12, p. 215-224, 2005.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte, MG: Edições Viva Voz, 2010.

GUENEÉ, Bernard. "História". In: LE GOFF, J. e SCHIMITT, J. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. 2 vols. Vol. I. Bauru: Edusp, 2002.

GUREVITCH, Aron. **As categorias da Cultura Medieval**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à análise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARTINELLI FILHO, Nelson. **Confissão e auto-ficção na obra de Reinaldo Santos Neves**. Vitória: Ufes, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) do Programa de Pós-Graduação em Letras, Ufes, Vitória, 2012.

NEVES, Reinaldo Santos. **A crônica de Malemort**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

NEVES, Reinaldo Santos. **A folha de hera: romance bilíngue**. Volume I. Vitória: Secult-ES, 2011.

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Campus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

NEVES, Reinaldo Santos. **A folha de hera: romance bilíngue**. Volume III. Vitória: Secult-ES, 2016.

NEVES, Reinaldo Santos. Notas sobre uma folha de hera: A *Crônica de Malemort* em inglês. **Contexto**, ano 7, n. 6, p. 107-118, 1999.

VAZZOLER, Djalma e SANT'ANNA, Mônica Aparecida Heloane Carvalho de. **Múltiplas escrituras – Reinaldo Santos Neves: vida e obra**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.